

**Cartografias da dança no contexto escolar:
Experiências de uma artista-docente**

**Dance cartographies in the school context:
Experiences of an artist-teacher**

Alexandra Aparecida dos Santos Noronha¹
Fernando Luiz Zanetti²

RESUMO

A dança é uma das manifestações culturais e corporais mais antigas da humanidade e hoje é conteúdo obrigatório em toda a Educação Básica, principalmente pela nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei 13.278/16. Este texto busca apresentar as cartografias da dança no contexto escolar através do relato de experiência de uma artista-docente no ensino de dança das disciplinas de Arte e Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental I, na rede pública municipal de Betim/MG no ano de 2019. O referencial teórico repousa nas abordagens dos filósofos Foucault (1998) e Deleuze (1996) sobre o discurso do corpo e a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010) para o ensino de Artes. A metodologia utilizada é a de cartografia, na qual se expõe um recorte do diário de bordo de uma artista-docente. Pretendemos demonstrar a realidade docente no ensino de artes/dança, como também identificar o cotidiano da realidade profissional como artista-docente. Desse modo, contribuir para as discussões sobre as experiências didáticas em dança nas escolas. Esperamos com esta proposta promover reflexões sobre o ensino de dança nas escolas públicas na Educação Básica.

Palavras-chave: Artista-docente. BNCC. Lei 13.278/16. Ensino de dança.

ABSTRACT

Dance is one of the oldest cultural and bodily manifestations of humanity. It is a mandatory class in Basic Education due to the new National Common Curriculum and the Law 13.278/16. This paper aims to present the cartographies of dance in the school context through an artist-teacher experience report on teaching dance in Art and Physical Education in the initial years of Elementary School I in the municipal public school system of Betim, Minas Gerais, in 2019. The theoretical framework rests on Foucault (1998) and Deleuze's (1996) approach to the discourse of the body and Ana Mae Barbosa's (2010) Triangular Approach to teach art. Cartography is the methodology used, in which a section of the diary of an artist-teacher is exposed. The intention is to demonstrate the teaching reality in arts/dance and identify the daily life of this professional. Thus, contribute to the discussion about didactic experiences in dance in schools. This proposal sought to promote reflections about dance education in public schools in Basic Education.

Keywords: Artist-teacher. National Common Curriculum. Law 13.278/16. The teaching of dance.

¹ Mestranda em Educação e Formação Humana pela FaE/UEMG, Especialista em Dança e Consciência Corporal, Psicopedagoga e Pedagoga pela Universidade Estácio de Sá, bailarina internacional e coreógrafa, membro do CID-UNESCO. E-mail: alexandranoronha@hotmail.com

² Doutor, mestre, bacharel, licenciado e possui formação em Psicologia pela Unesp de Assis e fez pós-doutorado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). Atualmente é Professor da Universidade Estadual de Minas (UEMG). E-mail: fernando.zanetti@uemg.br

Introdução

A dança é uma das atividades corporais mais antigas e hoje é conteúdo obrigatório em toda a Educação Básica. No entanto, a dança é ensinada e praticada geralmente para festas escolares, o que impossibilita a criatividade e o aprendizado significativo da dança-educação.

Este trabalho busca apresentar as cartografias da dança no contexto escolar através de um relato de experiência de uma artista-docente no ensino de dança das disciplinas de Arte e Educação Física nos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede pública municipal de Betim, Minas Gerais.

Partindo da experiência de trabalho em dança e como docente das disciplinas de Artes e Educação Física no Ensino Fundamental I com os alunos da escola pública, observamos que não é dada a devida importância ao ensino de dança nas escolas e percebemos que muitos educandos têm dificuldade com noções de corporeidade e consciência corporal. Sendo assim, na maioria das vezes, a dança é ensinada e praticada para festas escolares, o que impossibilita a criatividade e o aprendizado significativo da dança-educação.

Será exposto um recorte do diário de bordo com as memórias como artista-docente no ensino de dança em uma escola pública municipal na cidade de Betim, Minas Gerais. Este trabalho realizou-se no ano de 2019 em uma escola pública, com uma turma do 1º ano e outra do 2º ano do Ensino Fundamental.

Pretendemos demonstrar a realidade docente no ensino de dança/artes e identificar o cotidiano da realidade profissional como artista-docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental nas disciplinas de Artes e Educação Física com o ensino de dança, de forma a contribuir para as discussões sobre as experiências didáticas em dança nas escolas.

Perceberam-se, durante a atuação como docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, diversas práticas pedagógicas com repetição e cópias de coreografias, além disso, a dança vem como entretenimento para as festividades escolares. A dança nas escolas, conforme apontado por Marques (2011), fica por diversas vezes pautada nas festas tradicionais da escola, tais como festa das mães, quadrilha ou outras comemorações simbólicas e de final de ano, transformando-se em processos vazios, repetitivos, enfadonhos, dando ênfase exclusiva às técnicas.

Desse modo, trabalha-se muitas vezes a linguagem corporal no contexto escolar de maneira codificada, sistematizada, com grandes exercícios de repetição, considera-se a busca excessiva pela perfeição dos passos e, muitas vezes, por estética corporal, modinhas, em detrimento do processo criativo, participativo e sem considerar os processos educacionais.

O referencial teórico repousa nas abordagens dos filósofos Foucault (1998) e Deleuze (1996) sobre o discurso do corpo e a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (2010) para o ensino de Artes. Espera-se com esta proposta promover reflexões sobre o ensino de dança nas escolas públicas na Educação Básica, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Seguindo a temática do filósofo Deleuze (1996), na construção do corpo sem órgãos, os autores Brasil e Andraus (2016) destacam que um corpo intenso, com multiplicidades, não se prende a uma única forma “de ser e de fazer”, transforma-se num corpo que dança e improvisa. Entretanto, o corpo estagnado é formado nas instituições escolares, construído como produtos dos paradigmas impostos, formam-se “corpos disciplinados”, a dança permanece estagnada, sem evolução.

Ao analisarmos a dança através do discurso do corpo, o filósofo Michael Foucault (1998) nos faz pensar na “ordem do discurso”, na função normalizadora e reguladora, problematizar questões relacionadas à dança e ao seu ensino, não pode existir o mundo das ideias em oposição ao corpo, portanto, o “*corpo é pensamento e pensamento é corpo*” (VALLE, 2017, p. 17, grifos do autor).

Nesse contexto, é fundamental refletir e compreender a Abordagem Triangular da autora Ana Mae Barbosa (2010) para o ensino de Artes e culturas visuais, mas também, ao ensinar dança nas escolas, devemos aprender, praticar e refletir sobre ela: “o tripé fazer, apreciar e contextualizar” faz parte das relações que integram o conhecimento da “[...] arte, da dança como arte – a primeira das relações fundamentais e significativas para o ensino de arte na sociedade contemporânea” (BARBOSA; CUNHA, 2010, p. 62).

Justifica-se este relato de experiência pela relevância do ensino de dança nas escolas e a obrigatoriedade da Lei 13.278/16 e a nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na disciplina de Artes em toda a Educação Básica.

Segundo a BNCC (2017), a dança é constituída pela prática artística, pensamentos e sentimentos do corpo e é mediada pelos processos cognitivos e das experiências sentidas. Assim, os processos artísticos em dança são manifestados através do corpo e produzem um significado nas relações entre corporeidade e produção estética.

A Lei 13.278, de 02 de maio de 2016, altera a Lei das Diretrizes Básicas da Educação (LDB) e inclui de forma obrigatória a disciplina de Arte na Educação Básica. Assim, o ensino das linguagens das artes visuais, música, dança e teatro torna-se obrigatório com prazo máximo de implementação de 5 anos.

Freitas (2019) identifica a importância de as práticas educativas considerarem as experiências para a educação de um corpo, uma vez que um corpo já vem com manifestações, desejos e informações. A BNCC inclui a dança como uma das linguagens da Arte, com a qual deverá ser trabalhada a formação integral do sujeito:

A BNCC pode promover um desenvolvimento crítico de estudantes e sua apropriação de atitudes e habilidades que permeiam a atuação de cidadãos conscientes de seu papel em sociedade; em outras palavras, as relações entre seu corpo e o mundo que o rodeia (FREITAS, 2019, p. 30).

Freitas (2019) ainda ressalta que o ato de dançar aumenta o conhecimento de si e do mundo, o próprio corpo em movimento se refere ao sujeito. Vieira (2018) salienta que o ensino da dança nas escolas deverá compreender, problematizar e transformar as relações da sociedade, como etnias, gêneros, idades, classes sociais e religiões.

Batalha (2017, p. 7, grifos no original) destaca que “[...] a *inserção da dança no currículo* representa ainda um claro e grande desafio. Mesmo reconhecendo que o ensino de dança favorece discutir a *produção do conhecimento por meio do corpo* [...]”. A dança é uma forma de expressão corporal e de comunicação humana, sempre esteve presente nas manifestações cotidianas de povos antigos e faz parte da cultura de diversos povos. Entretanto, no espaço escolar, tem evidência apenas nas festividades escolares e não é vista como objeto de conhecimento, além disso, encontramos muitas dificuldades para o seu ensino nas escolas.

Problematizando ainda mais a dança no contexto escolar, Souza (2013, p. 8) enfatiza que “[...] a dança ainda que constitua um campo específico de atuação docente, ela se encontra vinculada a áreas que abrangem formas distintas de expressão artística/corporal”. Os profissionais que podem ensinar a dança no contexto escolar são os licenciados em Dança, Educação Física, Artes e Pedagogia. Qual profissional está mais habilitado para lecionar dança nas escolas? A dança exige um conhecimento mais complexo para que seu ensino seja significativo – também para muitos docentes a dança caracteriza-se como algo distante de suas realidades acadêmicas.

Abordagens Metodológicas

A metodologia utilizada é a de cartografia e adotamos como um dos instrumentos de pesquisa o diário de bordo – faremos um recorte desse diário de bordo. No ano de 2019, lecionei

Artes, Educação Física, Geografia, História e Ciências em uma turma do 1º e outra do 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, cada turma tinha uma média de 22 a 25 alunos. Esse trabalho com ensino de dança ocorreu na rede pública do município de Betim, Minas Gerais, na Escola Municipal Ângela Ribeiro Batista Maia, localizada em uma região periférica e com comunidade carente.

Conforme Lemos e Oliveira (2017), a metodologia cartográfica pensada por Deleuze e Guattari (1996) constrói territórios, diversas linhas: “a cartografia propõe essa criação de conexões e significação ao longo do desenvolvimento, mapeando pensamentos, técnicas, situações, pessoas, lugares [...]” (LEMOS; OLIVEIRA, 2017, p. 42).

Souza e Francisco (2016) afirmam que as pesquisas cartográficas contribuem para desenvolver pesquisas qualitativas e direcionam o acompanhamento de processos e produção da subjetividade. Desse modo, “a cartografia é, ao mesmo tempo, ciência e arte, registro e enunciado, referência e composição, descrição e criação, aqui e lá, atual e virtual, documento e expressão, função e sensação” (OLIVEIRA; PARAISO, 2012, p. 168).

Primeiramente, realizei um planejamento anual dessas disciplinas de acordo com a nova BNCC. Na disciplina de Artes, trabalhei com as artes integradas, utilizei técnicas teatrais e jogos rítmicos, enfatizei principalmente as danças populares brasileiras e danças urbanas. Realizei um trabalho com jogos e brincadeiras, acompanhei o calendário escolar seguindo o ciclo das danças brasileiras: ciclo carnavalesco, junino e natalino.

Utilizei, nos procedimentos metodológicos para o ensino da dança, a Abordagem Triangular (BARBOSA; CUNHA, 2010). Para Barbosa e Cunha (2010), trata-se de uma perspectiva flexível, não é uma metodologia, uma bula, mas sim uma “bússola”, um processo investigativo, um caminho a percorrer. Assim, esta abordagem enfatiza o contexto, podendo ocorrer mudanças, reinterpretações e reorganizações, consiste num aprofundamento entre Educação e Arte/Dança, promove uma reflexão entre artistas educadores, o tripé “fazer, apreciar e contextualizar” constrói sentidos e significados aos docentes e alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem em dança nas escolas.

O filósofo Gilles Deleuze (1996) promove uma reflexão sobre o estatuto do corpo e do movimento nas artes por meio da noção de sensação do corpo: “[...] o corpo em movimento, quando atinge o estado de dança, não se reduz a uma forma, a uma representação, nem a uma mecânica. Antes, pelo contrário, sua leveza singular afeta-nos sobremaneira” (MARTINS, 2010, p. 101).

Para Foucault (2013, p. 10), “corpo incompreensível, corpo penetrável e opaco, corpo aberto e fechado: corpo utópico”. O corpo é sempre visível, chama a atenção, não há como escapar do corpo, não se move ou remove sem o corpo, “o corpo humano é ator principal em todas as utopias”, pode ser um “ator utópico” ao “maquiar-se, tatuar-se, mascarar-se”, quando entra em cena interpreta, canta e dança (*ibidem*, p. 12).

Marques (2018) aponta que a dança nas escolas deve partilhar experiências que instiguem saberes em uma relação recíproca de ensino e aprendizagem. O professor de dança deverá articular o fazer, o apreciar e o contextualizar em dança, utilizar, em sua prática docente, a Abordagem Triangular da autora Ana Mae Barbosa (2010), pois aprendemos a dançar praticando a dança, refletindo sobre ela.

Discussões e Resultados

As atividades realizadas no ensino de dança iniciaram com rodas de conversa, jogos corporais e brincadeiras direcionadas às atividades de psicomotricidade e consciência corporal, bem como algumas técnicas teatrais como mímica, brincadeiras de imitação, olhar fixo sobre um objeto, técnica de máscaras e jogos rítmicos.

As práticas de rodas de conversa eram sempre realizadas durante as aulas de Arte com o intuito de conhecer os alunos e identificar suas experiências corporais em dança. Assim, as rodas de conversa possibilitam despertar o interesse dos alunos em conhecer mais e praticar a dança. Utilizei celular e *notebook* para apresentar as fotos e vídeos com os gêneros de dança que trabalhei com os alunos.

Essa contextualização da dança é pertinente para conhecer as inúmeras manifestações culturais em que a dança está inserida, seus figurinos, passos, movimentos e os estilos musicais, ao mesmo tempo, o aluno amplia seu repertório cultural e tem despertado o interesse em praticar a dança e vivenciar essa experiência.

Durante o ano de 2019, destacamos as danças que integraram o currículo escolar: danças urbanas e danças folclóricas e populares: festa do boi, congada, fandango, maracatu, carimbó, folia de reis, forró, samba e fusão de danças urbanas com Tsifteteli (dança do ventre grega). Logo, um pouco de dança moderna (linha Laban e Isadora Duncam) e dança contemporânea (linha Pina Bausch). Na construção das coreografias, explorei desenhos cênicos (geométricos) e as infinitas linhas da cartografia, priorizei a performance, o improviso, a criatividade e a expressão corporal dos alunos.

Um ponto relevante a destacar é a comemoração do dia Internacional da Dança. Instituído pela UNESCO, a data é comemorada no mundo todo por bailarinos e grupos de danças no dia 29 de abril. Realizei essa comemoração com projeto aprovado pelo Conselho Internacional de Dança (CID) da UNESCO e pela direção e coordenação pedagógica em 29 de abril de 2019 na instituição escolar. Na Escola Municipal Ângela Ribeiro Batista Maia, ocorreram apresentações de danças urbanas dos alunos e uma palestra com o tema “A dança como uma das maiores formas de expressão artística” para toda a escola no turno da manhã. Esse evento proporcionou maior conhecimento sobre a dança e os alunos que apresentaram ficaram entusiasmados e motivados, toda a escola assistiu às apresentações e à palestra.

Figuras 1 e 2 – Dia Internacional da Dança



Fonte: Dance Day. Disponível em: www.danceday.cid-portal.org/index.php/minas-gerais.

A partir do trabalho com o ensino de dança desenvolvido ao longo do ano letivo de 2019, nota-se uma melhoria no desenvolvimento da aprendizagem e na autoestima dos alunos,

ampliação dos conhecimentos culturais, boa frequência escolar, relação positiva com os alunos, socialização e participação dos pais e da comunidade escolar.

Iniciei o percurso da dança, primeiramente, com meus alunos, mas, no decorrer do ano letivo, principalmente após a comemoração do Dia Internacional da Dança, os alunos de outras turmas manifestaram interesse em aprender a dançar. Destacamos também o apoio da coordenação pedagógica e da direção e as parcerias com as professoras regentes, principalmente do primeiro ano, posteriormente com as professoras de Arte e Educação Física das outras turmas do 1º e 2º anos.

No decorrer desse trabalho com ensino de dança no contexto escolar, encontrei dificuldades, como espaço inadequado para a prática e o ensino de dança. Utilizei a quadra de esportes ou a sala de aula para as práticas. Como a dança não é reconhecida como área de conhecimento, é um produto cultural para as “festinhas escolares”, seu ensino é mecanizado – percebi reproduções e repetições de coreografias, às vezes, cópias de vídeos do YouTube. Observei falta de conhecimento e preconceito com danças brasileiras, urbanas e, principalmente, afro-brasileiras (tambor de crioula, samba), fato que tive que ir desconstruindo durante as aulas.

A dança, além de ser uma prática artística, envolve diversas características, como as manifestações culturais e expressões de sentimentos e emoções, promove relações de corporeidade e produção estética, problematiza e transforma percepções corporais, culturais e dos contextos em que estão inseridos. Entretanto, nos espaços escolares, encontramos práticas pedagógicas de dança padronizadas, conservadoras e tradicionais.

Nessa perspectiva, ao pensarmos na proposta pedagógica libertadora de Paulo Freire, com também na educação integral do sujeito, as práticas de ensino de dança deverão considerar um corpo livre, um corpo que dança, um corpo capaz de modificar sua formação cultural, política e social. Assim, “um corpo que *se-move-se*, não apenas na dança, mas na vida, pode ser um corpo que trabalha, que anda, que vive, que sabe ser, sentir e saber sua própria condição de sujeito que produz e não (re)produz” (NORONHA; BESSA-OLIVEIRA, 2019, p. 424, grifo dos autores).

Ao analisarmos o corpo no contexto escolar, percebe-se que ele é disciplinado, domesticado, é no corpo que as relações de poder se constituem. Para Foucault (1998, p. 147), “o poder encontra-se no próprio corpo”. Assim, a dança na escola é negligenciada, segue metodologias tradicionais, surge em momentos de comemoração, suas práticas pedagógicas são realizadas por repertórios prontos, repetitivos, que serão apresentados em curto período, desconsiderando o aprendizado da dança, o conhecimento, a criatividade e a expressão corporal.

Nesse sentido, Dias (2016) ressalta que ao *desconstruirmos* os “corpos escolarizados”, promovemos corpos dançantes e pensantes, logo, o movimento corporal não deve ser disciplinado sobre normas e regulações do contexto escolar.

Considerações Finais

A dança faz parte da vida humana desde a Antiguidade – antes de falar, o homem já dançava. Infelizmente, a dança não é reconhecida como área de conhecimento, surge geralmente nos espaços escolares para apresentação nas festas escolares.

As perspectivas de Foucault (1998) e Deleuze (1996), os filósofos da diferença, problematizam o ensino de dança nas escolas, promovendo maior reflexão sobre suas práticas.

O professor de dança deverá articular o fazer, o apreciar e o contextualizar em dança, utilizar em sua prática docente a Abordagem Triangular da autora Ana Mae Barbosa (2010), afinal, aprendemos a dançar praticando a dança e refletindo sobre ela, um “corpo que pensa dançando e dança pensando”. A partir das rodas de conversa e contextualização da dança,

percebeu-se grande interesse dos educandos e rompimento com paradigmas direcionados à dança.

Nota-se que a cultura escolar, os currículos e as práticas escolares padronizam as práticas humanas. Eles estão associados às hegemonias de classes e a interesses políticos. A escola ainda é bastante conservadora e adota metodologias tradicionais ou reprodução de coreografias para apresentações escolares, sem promover o aprendizado significativo e a reflexão sobre a dança – não podemos pensar os corpos apenas como um “depósito de informação”. Desse modo, “seria atuar por meio do que Paulo Freire denominou, em sua ‘Pedagogia do Oprimido’, de ‘educação bancária’ (1987)” (FREITAS, 2019, p. 302).

A dança no espaço escolar é uma grande forma de discurso do corpo, mas esse discurso é pouco aproveitado, percebemos uma mecanização e controle social do corpo através da dança. Com coreografias repletas de reproduções, o processo de ensino torna-se engessado e codificado em detrimento da criatividade e da exploração dos movimentos naturais.

De acordo com Caldeira (2011), podemos utilizar como exemplo para a composição coreográfica os trabalhos criativos, improvisados e as performances da dança-teatro da bailarina e coreógrafa alemã Pina Bausch, que trabalhava a subjetividade e contextualizava suas temáticas. A personalidade dos artistas influencia a dramaticidade em cena, sendo assim, os artistas utilizam sua subjetividade para sua expressão em cena. A dança é conhecimento da essência humana, a aprendizagem ocorre com a dança, o legado de Pina Bausch "ressalta a relevância de mergulhar em nossas memórias, em nosso corpo, em nós mesmos, criando um espelho que revela nosso eu" (CANDIDO, 2018, p. 303). Além disso, estão presentes nesses apontamentos, conforme Bruço (2019), as funções da dança como arte de espetáculo vivo, fazer do corpo um discurso, um lugar de fala e crítica.

A performance está relacionada à liberdade de movimentos, à expressão corporal, às relações de poder e à luta por direitos. Sob o contexto da dança, o corpo demonstra destreza, agilidade, domínio dos movimentos, crítica, sentimentos, indagações, sensações e pensamentos reprimidos. Percebe-se que os dispositivos de improviso e *performance* promovem o processo criativo, a liberdade de movimentos e a imprevisibilidade, favorecendo a composição coreográfica, essenciais para as práticas de dança no contexto escolar.

O ensino de dança contribuirá com questões de raça, etnia, gênero, identidade, religião e culturas diversas, ampliando o conhecimento dos docentes e quebrando paradigmas pré-estabelecidos. Incluir danças urbanas, danças populares brasileiras e danças afro-brasileiras é pertinente para compreender as diferenças multiculturais. Destacamos também que o corpo é uma questão multicultural, encontramos diferentes biotipos, expressões e movimentos corporais diferenciados – ele também é um lugar de discurso e de luta.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, A. M.; CUNHA, F. P. da. *A Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BATALHA, C. S. Ensino de dança na escola: concepções e práticas na visão de professores. In: 38ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 01 a 05 de outubro de 2017, UFMA, São Luís/MA. *Anais...*, São Luís: ANPEd, 2017.

BRASIL, A. S.; ANDRAUS, M. B. Corpo-Acontecimento: um contraponto ao corpo formado em nossas escolas. *Urdimento*, v. 2, n. 26, p. 254-275, jul. 2016.

BRASIL. *Lei nº 13.278, de 02 de maio de 2016*. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino

da arte. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm. Acesso em: 03 abr. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 03 abr. 2021.

BRUÇO, R. Pina: quando a dança pode romper o discurso. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, ano 19, n. 37, p. 340-357, jan./mar. 2019.

CALDEIRA, S. Pina Bausch: para maiores de 65 anos. *Urdimento*, Florianópolis, n. 16, jun. 2011.

CANDIDO, T. C. T. O que me move, de Pina Baush e outros textos sobre dança-teatro. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 67, p. 299-303, jan./fev. 2018.

CID DANCE DAY. *Dance Day Official Website*. Disponível em: www.danceday.cid-portal.org/index.php/minas-gerais.

DIAS, R. S. R. Problematizações sobre corpos escolares e dança: nos (des)caminhos da presença-ausente. In: Reunião Científica Regional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, UFPR, Curitiba-PR. *Anais...*, Curitiba: ANPED, 2016.

FOUCAULT, M. *O corpo utópico: as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. Traduzido por Sauma Iannus Muchail. São Paulo: nº 1 Edições, 2013.

FOUCAULT, M. Poder-Corpo. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 145-152.

FREITAS, R. A Dança na Educação Básica da rede pública municipal de ensino de Teresina/Piauí – uma realidade em crescimento. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, ano 19, n. 37, p. 298-315, jan./mar. 2019.

LEMOS, C. F.; OLIVEIRA, A. M. Mapeamento, Processo, Conexões: a cartografia como metodologia de pesquisa. *Paralelo 31*, ed. 8, p. 41-52, jul. 2017.

MARQUES, I. A. *Ensino de dança hoje: texto e contextos*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARQUES, L. K. O. Reflexões sobre o ensino de arte na escola e a atuação do professor: Entradas pela dança. *Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, v. 8, n. 16, nov. 2018.

MARTINS, C. J. Dança, corpo e desenho: arte como sensação. *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 2, p. 101-120, maio/ago. 2010.

NORONHA, M. M. de O.; BESSA-OLIVEIRA, M. A. Corpos roubados nos saberes do ensino de Arte. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, ano 19, n. 37, p. 417-437, jan./mar. 2019.

SOUZA, J. B. de. Formação Superior em Dança no Brasil: panorama histórico-crítico da constituição de um campo de saber. In: 36ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia/GO. *Anais...*, Goiânia: ANPED, 2017.

VALLE, F. P. do. Dança, identidades e contraconduta da criação. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, ano 17, n. 33, p. 07-24, jan./jul. 2017.

VIEIRA, M. de S. Interfaces entre a dança, a educação infantil e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG*, v. 8, n. 16, nov. 2018.